

UNIDOS PELA NOSSA CASA COMUM:

OS FRANCISCANOS

NA COP30



Franciscans International

A voice at the United Nations

OS FRANCISCANOS NA COP30

ZONA AZUL DA COP30

Os delegados franciscanos acompanharam as negociações, reuniram-se com diplomatas e outras partes interessadas, participaram em eventos paralelos oficiais e conferências de imprensa, e apresentaram um trabalho de investigação sobre a Transição Justa.



DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO DE TALANOIA

A Franciscans International coorganizou este diálogo anual, no qual um grupo diversificado de comunidades religiosas reúne experiências e ideias guiadas por três perguntas simples: onde estamos agora, para onde queremos ir e como chegamos lá? Os resultados foram apresentados oficialmente à presidência da COP30.



BELÉM

BARQUEATA DA DOME

Os franciscanos juntaram-se a mais de 5.000 ativistas numa flotilha para marcar o início da Cúpula dos Povos. Alguns dos 200 barcos partiram de municípios de todo o Brasil, percorrendo o «corredor da soja» para sensibilizar para o impacto do agronegócio nas terras indígenas.



CELEBRAÇÕES O CÁNTICO

Foram organizados vários encontros para celebrar o 800.º aniversário o Cântico das Criaturas e refletir sobre os fortes ecos entre a nossa época e a de Francisco de Assis – a construção de muros, o aumento da desigualdade e um ambiente prejudicado pelas mãos humanas.



MARCHA PELO CLIMA

A meio da COP30, milhares de pessoas saíram às ruas para exigir ações climáticas significativas. Foi o primeiro grande protesto fora de uma Conferência das Nações Unidas sobre o Clima em quatro anos, uma vez que os últimos três encontros foram realizados em países com pouca tolerância para manifestações.



DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO DO TAPIRI

Na Amazônia, um Tapiri é um abrigo sagrado construído a partir da floresta, onde as pessoas vêm para ouvir, refletir e agir. Em Belém, esse espírito foi capturado num diálogo entre representantes indígenas, de movimentos de base e religiosos, enquanto exploravam a ecologia integral a partir da perspectiva dos jovens, das mulheres e das comunidades LGBTQ+.



CÚPULA DOS POVOS

Mais de 60 000 representantes de movimentos indígenas, sociais e ambientais reuniram-se num espaço popular na Universidade do Pará para explorar estratégias alternativas para proteger o nosso planeta. No quinto e último dia da Cimeira, o seu manifesto político foi apresentado ao presidente da COP30, André Corrêa do Lago.





A viagem para a COP30 começou muito antes de eu pisar em Belém. Começou nas Ilhas Salomão, com uma partida que trazia consigo tanto esperança como exaustão. De lá, viajei pela Austrália, segui para o Catar, depois para São Paulo e, finalmente, para Belém – quase três dias de viagem ininterrupta através de oceanos e continentes. A própria distância era um lembrete do desequilíbrio no cerne da crise climática: aqueles que menos contribuíram para as emissões globais têm de viajar mais longe para defender o seu direito à existência.

Quando cheguei à cidade amazônica de Belém, o ar estava pesado — não apenas pela humidade da bacia, mas pelo peso inconfundível de um mundo que se encontra numa encruzilhada. Durante os primeiros dias da COP30, tornou-se claro para mim que estes encontros já não são meros exercícios diplomáticos. Tornaram-se encontros da alma — espaços onde a realidade vivida confronta o atraso político e a hesitação moral.

O Paradoxo do Progresso

Desde o início, a COP30 revelou uma contradição gritante e preocupante. De um lado, estavam os defensores da «extração como de costume»: programas envoltos na retórica da transição verde, concebidos para avaliar a sustentabilidade enquanto criavam discretamente novos

caminhos para a exploração contínua da Terra. A retórica prometia progresso, mas a lógica permanecia inalterada.

Do outro lado, estavam as vozes dos Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (SIDS), incluindo o meu próprio país, as Ilhas Salomão. Para nós, cada cimeira climática é um sinal de alarme. Não participamos nestas reuniões para avaliar a nossa sobrevivência – participamos porque a própria sobrevivência está em jogo. O limite de 1,5 °C não é uma posição de negociação; é a fronteira entre a continuidade e o desaparecimento. Como os nossos líderes afirmaram claramente durante as sessões de abertura: «Não podemos adaptar-nos com dívida.»

Uma Voz para os Silenciados

Ao longo da conferência, uma questão continuou a ecoar: E os marginalizados? E aqueles cujas terras são confiscadas, cujas águas são poluídas, cujas vozes são excluídas em nome do crescimento económico?

Essa pergunta encontrou a sua resposta mais clara na Cúpula dos Povos. Juntandome a dezenas de milhares de pessoas de todo o mundo – povos indígenas, comunidades na linha da frente, jovens e líderes religiosos –, senti as ruas de Belém ganharem vida sob os nossos pés.

Os Cânticos, as orações e os tambores convergiram numa declaração profética: «A Criação clama. Justiça agora.»

Este não era um slogan criado para faixas. Era uma exigência moral. Estávamos a reivindicar direitos inerentes – não direitos condicionados ao lucro, a quadros políticos ou à lógica de mercado, mas direitos que nos pertencem por nascimento. O direito a um clima estável. O direito à água potável. O direito a uma pátria que não desapareça sob o aumento do nível do mar. Os nossos direitos não estão à venda.

O Testemunho Franciscano

Particpei na COP30 como membro da delegação da Franciscans International e como irmão professo da Terceira Ordem Anglicana da Vida Franciscana. Não se tratava simplesmente de trabalho de defesa de causas – era uma vocação. A longa viagem do Pacífico à Amazônia foi, por si só, um ato de testemunho, enraizado no compromisso franciscano de estar ao lado dos pobres e da criação.

Juntamente com líderes indígenas, comunidades ribeirinhas e jovens defensores do clima, trabalhámos para garantir que o clamor da Terra e o clamor dos pobres fossem ouvidos como um só. Apelámos a uma Transição verdadeiramente Justa – uma que não se limite a substituir os combustíveis fósseis

por novas formas de extração, mas que transforme o sistema económico de modo a honrar a dignidade, os limites e a santidade de toda a vida.

Não uma vela na janela

Estou profundamente grato à Franciscans International pela oportunidade de representar tanto as Ilhas Salomão como a família franciscana em geral na COP30. No entanto, tenho uma preocupação persistente: que a nossa presença possa ser reduzida a uma «vela na janela» – um símbolo de esperança que cintila brevemente antes de ser extinto pela indiferença política assim que os delegados regressarem a casa.

Não podemos permitir que isso aconteça. O que foi aceso em Belém, em novembro de 2025, não deve esmorecer. Deve tornar-se uma fogueira – orientando a política nacional, reforçando a responsabilização internacional e salvaguardando os direitos do nosso povo. A justiça não é uma aspiração futura a ser adiada para outra cimeira. É uma exigência urgente – aqui e agora. E é nossa vocação insistir nela.



Robson Hevalao

Terceira Ordem da Sociedade de São Francisco

“ADVOCACY” FRANCISCANA

O envolvimento da Franciscans International na COP30 esteve profundamente enraizado no carisma franciscano, inspirando-se no 800.º aniversário o Cântico das Criaturas, bem como nos 10.º aniversários da Laudato Si’ e do Acordo de Paris. Com base nos valores franciscanos que enfatizam o cuidado com a criação, a solidariedade para com os marginalizados e a centralidade da paz e da justiça, a mensagem-chave transmitida à COP30 foi a urgência moral e ecológica da tripla crise planetária – alterações climáticas, poluição e perda de biodiversidade – que nos envolve. A presença de uma numerosa delegação franciscana serviu tanto como celebração do nosso compromisso ecológico, como de um apelo para enfrentar as profundas ameaças que se abatem sobre as comunidades vulneráveis e a nossa casa comum.

No âmbito da COP30, a FI centrou a sua ação de defesa no reforço das redes franciscanas, na amplificação das vozes das bases e na promoção de prioridades políticas fundamentais, tais como as Perdas e Danos Não Económicos (NELD) e uma Transição Justa. Através da participação em negociações oficiais, coligações da sociedade civil e iniciativas inter-religiosas, a Franciscans International criou espaços de diálogo centrados nos direitos humanos, na equidade e na participação significativa. O nosso envolvimento nas atividades da COP30, tanto dentro como fora do recinto principal, permitiu aos franciscanos partilhar o nosso trabalho ambiental com delegados de todo o mundo. Eventos paralelos e conferências de imprensa permitiram-nos dar voz às comunidades de base – particularmente às dos povos indígenas, dos jovens e das comunidades que vivem na linha da frente das alterações climáticas.



Um dos principais destaques da nossa ação foi o lançamento de um novo estudo que apresenta perspetivas baseadas na fé sobre a Transição Justa. Com base em investigação conjunta anterior sobre NELD, a publicação apresenta as opiniões das comunidades afetadas de que a mudança necessária para um futuro de baixo carbono deve ir além de meras medidas técnicas e económicas. Em vez disso, uma Transição Verdadeiramente Justa deve abraçar uma transformação social sistémica fundamentada na justiça, na compaixão e nas responsabilidades partilhadas.

Ao longo da COP30, a Franciscans International enfatizou que, embora as ambições globais precisem de ser elevadas, as políticas climáticas não devem deixar para trás as comunidades vulneráveis. As perdas e os danos causados pelas alterações climáticas – especialmente as suas dimensões não económicas, como o património cultural e o conhecimento tradicional – devem ser abordados com urgência. Ao combinar convicção moral, perspetivas das comunidades de base e envolvimento político, a nossa ação de defesa na COP30 teve como objetivo influenciar os negociadores no sentido de soluções climáticas que protejam a nossa casa comum, ao mesmo tempo que defendem a dignidade humana.



Transição Justa e
Direitos Humanos:
Perspetiva das
comunidades religiosas





A COP30 não se limitou ao que ocorreu no pavilhão oficial de negociações. A riqueza do encontro ficou especialmente evidente em algumas atividades paralelas: a mobilização da sociedade civil, a escuta das reivindicações dos povos indígenas, a atenção à voz das gerações mais jovens e a reflexão sobre o papel crescente das Igrejas face à emergência climática. A música e a cultura abriram caminhos de diálogo, encorajaram a esperança e lembraram-nos de que existem muitas outras formas de comunicação capazes de expressar o que as palavras e os documentos oficiais não conseguem.

À luz da fé e através dos nossos valores carismáticos, nós, franciscanos, reconhecemos que temos um papel a desempenhar. Estamos unidos pela nossa responsabilidade evangélica de proteger a vida, a dignidade humana e o equilíbrio dos ecossistemas.

Sabemos que a crise ecológica tem raízes sistémicas e que somos chamados a sensibilizar para ela, a fim de promover uma mudança profunda. Partilhamos as lutas e as esperanças de muitas comunidades em todo o mundo, onde reconhecemos as sementes do Reino a serem plantadas e ouvimos o convite constante para reconstruir a Igreja, as relações e a casa comum que partilhamos.



Adaptado de uma reflexão de
Fray Erick Marín Carballo
Ordem dos Frades Menores
Conventuais

O Cardeal Ambongo participou na Conferência das Nações Unidas sobre o Clima como um dos signatários de um Apelo à Ação emitido pelas Conferências Episcopais do Sul Global antes da COP30. Começando com um apelo ao cumprimento do Acordo de Paris e à resolução da «dívida ecológica» das nações ricas, o documento estabelece uma agenda ambiciosa para combater as alterações climáticas.

«Vim para cá com esta paixão pela proteção do nosso continente e da Terra. Porque, se não assumirmos uma grande responsabilidade, deixaremos à geração que vem depois de nós um planeta que já não será habitável [...]

Surpreende-me que algumas pessoas — mesmo alguns dos principais responsáveis mundiais — rejeitem completamente esta realidade. Trata-se de um grande erro. Como parte da Família Franciscana global, devemos estar na linha da frente em relação a esta questão. É um facto óbvio que vemos em todo o mundo.»

Cardeal Fridolin Ambongo

Ordem dos Frades Menores Capuchinhos



A História dos
Esforços Globais
em matéria de Clima:
De Estocolmo à COP30



A Nossa Missão Profética:
Vozes Franciscanas nas
Nações Unidas



As Conferências
Episcopais do Sul Global:
Uma Perspetiva
Franciscana



Conversas Franciscanas
sobre o Clima:
Ao vivo da zona azul



UM OLHAR AO ESPELHO

A presença franciscana na COP30 não foi apenas uma oportunidade para levar ao mundo uma mensagem de cuidado pela criação e pelos marginalizados – foi também um momento de introspecção. Enquanto comunidade dedicada à justiça ambiental, como podemos motivar outros a juntarem-se a este ministério, incluindo aqueles que já fazem parte da Família Franciscana?

Em Belém, a delegação franciscana passou três noites num diálogo Talanoa – uma tradição do Pacífico que promove uma conversa inclusiva, participativa e transparente – para examinar este desafio.

Juntos, lançámos um olhar crítico sobre o nosso próprio trabalho e colocámos a nós próprios três perguntas.

Onde estamos agora?

- Os franciscanos são globais e locais – presentes tanto a nível internacional como nas bases – unidos por um propósito comum.
- As pessoas estão abertas a envolver-se e a ouvir os franciscanos, mas nós acomodámo-nos ao status quo: temos a obrigação moral de nos envolvermos com os marginalizados e de partilhar as nossas vidas com eles.
- O nosso carisma confere-nos um mandato – e uma necessidade – de agir. No entanto, há uma falta de apoio e coordenação em questões relacionadas com a justiça, a paz e a integridade da criação – mesmo dentro da Família Franciscana.

Para onde queremos ir?

- Como franciscanos, o requisito é voltar aos fundamentos do nosso carisma. Ao abraçarmos uma conversão ecológica, podemos tornarmos exemplos vivos e uma fonte de inspiração no mundo.
- O cuidado da criação precisa de ser uma «experiência» de formação ao longo da vida, tanto no seio da Família Franciscana como quando ministramos aos outros.
- O mundo precisa de testemunhar uma visão franciscana profética que promova relações e ligações, moldando uma melhor compreensão do nosso lugar no mundo.

Como chegamos lá?

- Incentivar os irmãos e irmãs em posições de liderança a abraçar o movimento para proteger e preservar a nossa casa comum. Envolver as pessoas nas nossas comunidades para que colaborem nestas questões.
- Criar novos recursos, nomeadamente para fortalecer e expandir o trabalho das Comissões para a Justiça, a Paz e a Integridade da Criação.
- Oferecer narrativas novas e positivas sobre o nosso dever de cuidar da criação e levá-las à família franciscana e ao mundo em geral, particularmente nos espaços académicos e educativos.

Ao deixar Belém, uma coisa ficou clara: a COP30 nunca foi o fim do caminho. Nas suas próprias comunidades, os irmãos e irmãs franciscanos continuarão a sua luta para proteger e preservar o planeta que todos partilhamos. As questões e os temas levantados durante estas discussões tornar-se-ão parte dos alicerces de que precisamos para levar por diante este ministério e mobilizar a família franciscana em geral e aqueles que estão além dela.

Esperamos que se junte a nós nesta jornada.



O ano de 2025 foi um ano em que as realidades das alterações climáticas e a nossa dependência contínua dos combustíveis fósseis vieram assombrar-nos a todos.

A COP30 – a Conferência das Nações Unidas sobre o Clima de 2025, realizada em Belém, no Brasil – desafiou os franciscanos a abraçar a conversão ecológica, à medida que nos comprometemos com a dignidade humana, a construção da paz e o cuidado da criação.

A conferência foi de grande dimensão, tanto em termos de número de participantes como do âmbito das discussões. Realizada na Amazônia, a presença dos povos indígenas, que muitas vezes exemplificaram o custo humano e a falta de benefícios económicos para os povos marginalizados, contrastou com uma mistura surreal de corporativização, ganância e corrupção.

No ano em que celebramos o 800.º aniversário o Cântico das Criaturas, uma delegação de mais de 20 irmãs e irmãos franciscanos também participou nesta conferência sobre o clima. Neste livreto, partilhamos algumas das suas experiências, conclusões e reflexões.

A conversão ecológica para os franciscanos tem as suas raízes no Cântico: ao observarmos e nos relacionarmos com a criação a partir de uma perspetiva de parceria e pertença, permitimos que o nosso espírito e a nossa prática sejam transformados.

Com estes «olhos e corações» transformados, podemos ser os líderes de que o mundo necessita. Ao darmos o exemplo – tornando-nos aqueles que sacrificam o consumismo e trabalham para fortalecer as comunidades –, tornamo-nos também parte do processo transformador que salvará a criação e a humanidade da extinção.

Este é o desafio franciscano da década de 2020.

Blair Matheson TSSF
Diretor Executivo
Franciscans International

